

**LITERATURA DE CORDEL, UM  
CAMINHO PARA O ESTUDO  
DAS VARIAÇÕES  
LINGUÍSTICAS NO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

**CORDEL LITERATURE, A PATH FOR  
THE STUDY OF LINGUISTIC  
VARIATIONS IN ELEMENTARY  
EDUCATION**

**Roberto Remígio Florêncio**

Doutor em Educação (UFBA). Professor na IFSertãoPE. Contato: betoremigio@yahoo.com.br

**Leomara Coelho Damasceno**

Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (UNEB). Professora na Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Contato: leomaracoelho@gmail.com.br

**Resumo:** O presente estudo apresenta a Literatura de Cordel como um dos elementos para se trabalhar variações linguísticas nas aulas de Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental. A partir de análise de textos, são apontadas direções que podem ajudar na atividade docente, possibilitando a formação do aluno em relação à linguagem e suas múltiplas formas. Foram realizadas leituras de teóricos e cordelistas, no intuito de mostrar e comprovar a necessidade de se trabalhar de forma mais abrangente os conteúdos citados. O presente estudo apresenta possibilidades de debater e ofertar propostas sobre o tema em tese que podem auxiliar no processo de ensino da língua materna. O trabalho, cujo objetivo é aprimorar a capacidade comunicativa e interativa entre as pessoas e o mundo em que vivem, procura alargar os conhecimentos voltados à cultura popular, aos falares regionais e a quebra de paradigmas em relação ao ensino da gramática contextualizada.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Cultura Popular. Regionalismo. Poesia.

**Abstract:** The present study presents Cordel Literature as one of the elements to work with linguistic variations in Portuguese Language classes, in Elementary School. From the analysis of texts, directions are pointed out that can help in the teaching activity, enabling the formation of the student in relation to language and its multiple forms. Readings of theorists and cordelists were carried out, in order to show and prove the need to work more comprehensively on the aforementioned contents. The present study presents possibilities for debating and offering proposals on the thesis theme that can help in the mother tongue teaching process. The work, whose objective is to improve the communicative and interactive capacity between people and the world in which they live, seeks to broaden knowledge focused on popular culture, regional speeches and the breaking of paradigms in relation to the teaching of contextualized grammar.

**Keywords:** Sociolinguistics. Popular culture. Regionalism. Poetry.

## **Introdução**

A função que a escola assume em relação ao ensino da Língua Portuguesa, principalmente sobre as variedades linguísticas, vem sendo debatida por educadores

e linguistas há bastante tempo. E, ainda que a legitimidade das normas populares como ferramenta de comunicação e de asserção de identidades sociais seja frequentemente divulgada, muitos docentes continuam utilizando-se de práticas pedagógicas baseadas na norma culta, desmerecendo os vários dialetos existentes na nossa língua, conforme explica Bagno<sup>1</sup>.

Ao trabalhar o ensino da língua de maneira tradicional, enfatizando a gramática normativa e/ou o elitismo linguístico, os profissionais da educação básica acabam por deixar de lado o lúdico e a oportunidade de o educando expandir seu repertório cultural, o que pode ocasionar a exclusão e a marginalização de outros falares. Um processo que, ao segregarem algumas variantes linguísticas, identificam os falantes em grupos sociais classificáveis e os de menor valor social ficam à margem da *língua oficial do país*. Algo similar ao estudo da Literatura Brasileira, quando “se esquece” de trabalhar a Literatura de Cordel, que, junto com a variação linguística, só tende a favorecer a dilatação do universo de conhecimentos, enriquecendo o vocabulário e a criatividade linguística dos aprendentes, de forma crítica e contextual.

Este estudo, portanto, objetiva promover o encontro dessas formas marginalizadas de expressões culturais, visto que é bastante oportuno, no exercício de ensino da língua, labutar as variantes da língua dentro da Literatura de Cordel. Assim, pudemos levantar algumas hipóteses sobre o constructo que direciona nossos estudos, a partir das seguintes questões: Existe uma marginalização das literaturas populares/regionais nas escolas promovida pela matriz curricular? De que forma pode-se trabalhar variedade linguística e Literatura de Cordel juntas?

Assim, foi desenvolvida a pesquisa bibliográfica para esse tema, cujo resultado aponta para a percepção de uma interdependência entre sociedade, cultura e língua, conscientizando-se de que as pessoas falam diferentes e não errado, como nos aponta Bagno<sup>2</sup>. Para caracterizar uma das formas de realização desse falar, utilizamos o gênero poético Cordel, o qual consideramos um expoente da cultura

---

<sup>1</sup> BAGNO, Marcos. *A norma culta: língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

<sup>2</sup> BAGNO, 2012.

brasileira, ainda que não seja originário do país e esteja restrito a uma região específica, é emblemático por sua condição artística (tanto na produção quanto no consumo – comercialização e leitura) e importante direcionamento para a percepção de variantes linguísticas regionais.

### **Breves apontamentos sobre variação linguística**

Segundo o dicionário Houaiss, linguagem é “o conjunto das palavras e dos métodos de combiná-las usado e compreendido por uma comunidade”<sup>3</sup>. Desse modo, linguagem é uma ação mútua cujos sujeitos envolvidos a executam como uma troca, onde um flui sobre o outro de acordo com o lugar que ocupam numa interação. Assim, oriundos da palavra “língua”, mas plenamente assentado no ambiente das linguagens, surge a linguística e, conseqüentemente, os estudos sociolinguísticos, de acordo com as palavras de Saussure<sup>4</sup> e Soares<sup>5</sup>.

O estudo da linguística – ou da sociolinguística – se ocupa principalmente da caracterização e da prática das variações linguísticas. Um estudo que vem sendo realizado há anos por estudiosos europeus, americanos, inclusive brasileiros. No entanto, a sua sobreposição ao ensino/aprendizagem de línguas, em especial a língua materna, é recente. Essa sobreposição ao ensino/aprendizagem está associada a outros desenvolvimentos na criação da forma de como se permite a tomada e o progresso da linguagem e da própria teoria de linguagem.

Apesar de se tratar de variação linguística desde a década de 1980, este é um assunto ainda complexo para muitos educandos e até mesmo para muitos docentes, pois o tema ainda é pouco ou mal divulgado em sala de aula e o preconceito linguístico avança pelos corredores da escola. Muitos educadores mantêm-se no método tradicional de ensino da língua materna, em que a gramática normativa é apresentada como a única forma de aprendizagem da língua.

---

<sup>3</sup> HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2012. p. 423.

<sup>4</sup> SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2020.

<sup>5</sup> SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 19. ed. São Paulo: Ática, 2020.

Sobre isso, Bagno diz que se trata de uma gramática centrada nos erros, com um fim em si mesma e que há muito tempo ficou voltada à imposição de regras e suas exceções. Por isso, tornou-se fonte inesgotável de (pré)conceitos de como falar e escrever corretamente, dando a entender que o relevante é saber sobre a língua, em vez de compreendê-la. Segundo o autor, a norma padrão é conveniente para designar algo que está fora e acima da atividade linguística dos falantes.

É uma norma no sentido mais jurídico do termo: 'lei', 'ditame', 'regra compulsória' imposta de cima para baixo, decretada por pessoas e instituições que tentam regrar, regular e regulamentar o uso da língua. É também um padrão, *um modelo artificial*, arbitrário, construído segundo critérios de bom gosto, vinculados a uma determinada classe social, a um determinado período histórico e em um determinado lugar.<sup>6</sup> (Grifo nosso)

Apesar dessa suposição, isso não quer dizer que se deve exterminar a língua culta das aulas de Língua Portuguesa. O discente tem direito ao acesso a essa norma, para falar e escrever da forma que julgar adequada, visando às várias interações sociais em que procederá ao longo de sua vida, delimitada por acordos socioculturais e geo-históricos.

Devido a tantas variedades é importante considerar, ainda, a diferença gramatical entre a língua escrita e a falada, pois muitas pessoas têm dificuldades em distinguir as diferenças entre a linguagem coloquial, que usam diariamente, da norma padrão que a escola exige nas suas produções escritas. Portanto, deve-se tomar cuidado para que não se crie situações de discriminação e preconceito com a linguagem que essas pessoas dominam. É preciso entender que a língua é empregada em diferentes situações, que uma mesma língua pode ter variações.

Levando-se em conta a revisão anunciada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN<sup>7</sup>, é relevante fazer uma reflexão sobre a Língua Portuguesa em contextos funcionais e importantes, considerando a dinamicidade desse conhecimento emergente. No entanto, não se deve perder de vista a constituição de

---

<sup>6</sup> BAGNO, 2012, p. 64-65.

<sup>7</sup> BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa – Ensino Fundamental*. Brasília: MEC; SEF, 1998.

cidadãos honrados, com espírito crítico e consciência benévola, possuidores de astúcias necessárias para o desempenho da cidadania.

É a partir de uma gramática internalizada que, desde a infância, os usuários de uma língua se fazem entender, de uma forma ou de outra, deixando transparecer as marcas de sua ascendência, idade e nível sociocultural. Todavia, essa gramática internalizada não parece ser suficiente para afiançar o acesso ao conjunto da cultura e de todas as possibilidades oferecidas por ele – direito à formação de opinião sustentada, à informação de escolhas e outros. E um dos maiores desafios do professor de Língua Portuguesa é transmitir conhecimentos sobre seu idioma materno aos seus estudantes, especialmente na educação básica.

Assim, qualquer atividade sobre língua materna é produzida através de um procedimento desenvolvido a partir de qualidades linguisticamente inatas do falante nativo. Relembrando-se que são múltiplas as falas que compõem qualquer língua natural. Essas línguas podem variar de acordo com as suas características, em seus contextos socioculturais e geopolíticos, segundo sua história.

### **O contato com a Literatura de Cordel**

A Literatura de Cordel mantém, em sua grande maioria, um caráter popular, por isso, ela é explanada em uma linguagem o mais próximo da oralidade. Além de disseminar a cultura da região Nordeste, o Cordel ressalta as diferentes variações linguísticas que há no português do Brasil. É comum o uso de expressões como *dotô* (doutor), *fumá* (fumar) ou *as aparição* (as aparições), em arremedos da fala do povo simples ou na perspectiva das rimas para os versos metrificados das estrofes de estilo clássico.

O Cordel surgiu no Brasil há mais de cem anos e é até hoje uma das formas mais importantes de divulgar a literatura. Ele é essencialmente uma poesia popular e faz parte da cultura brasileira. Evaristo<sup>8</sup> revela que os poemas de Cordel possuem

---

<sup>8</sup> EVARISTO, Marcela Cristina. O cordel em sala de aula. In: BRANDÃO, Helena Nagamine. *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção aprender e ensinar com textos, 5 v).

algumas características típicas que os diferenciam de outras revelações literárias, fazendo com que sejam identificadas no mesmo momento em que o leitor os lê, podendo então distingui-lo de outras obras literárias.

A autora explica que o termo “Cordel” quer dizer corda. Na idade média, os poetas penduravam os folhetos com seus poemas em barbantes denominados cordéis, assim esses folhetos eram vistos, escolhidos e comprados por aqueles que se interessassem<sup>9</sup>. O gênero nasceu dos versos recitados da poesia de tradição oral, do termo cantado que seduz contando causos e histórias, com melodias simples e repetitivas que, juntamente com os repentes, fortalecem a produção cultural em feiras do interior e campeonatos de emboladores pelo Nordeste.

De acordo com Evaristo<sup>10</sup>, a Literatura de Cordel disseminou-se pela Europa por volta dos séculos XI e XII. Os poemas narravam histórias de princesas e nobres, de terras desconhecidas e de peregrinações que eram contados pelos trovadores e menestréis, nas feiras, nas cortes e em praças públicas. Especialmente em Portugal, foram os medis-poetas contadores árabes que espalharam essa tradição. Suas histórias eram acompanhadas por instrumentos musicais.

Evaristo<sup>11</sup> explica, ainda, que foi a partir de 1450, com a invenção da prensa<sup>12</sup> e, posteriormente, a revolução que a impressão gráfica promove, que os poetas passaram a imprimir seus folhetos sobrepostos com diversas folhas dobradas, em geral, de papel vulgar, suas capas passaram a ser ilustradas. Os mesmos eram vendidos após serem apresentados aos ouvintes.

No Nordeste, região de predominância da Literatura de Cordel, os poemas se misturam com músicas e aboios. No entanto, o presente estudo detém-se a analisar a poesia escrita e/ou falada. Como forma poética complexa, abundantes e vivas, as histórias produzidas no Cordel são mais para serem ouvidas do que lidas, até porque

---

<sup>9</sup> EVARISTO, 2011.

<sup>10</sup> EVARISTO, 2011.

<sup>11</sup> EVARISTO, 2011.

<sup>12</sup> Os autores sugerem a leitura de EISENSTEIN, Elizabeth L. *A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Editora Ática, 1998. Na obra Eisenstein descreve a Impressão Gráfica como uma "revolução não reconhecida", explicando o papel dela como agente de mudança, dessa referência sobre a história da imprensa (e da circulação do texto impresso) ocidental.

costuma ser recitado de cor ou através de leitura em voz alta por um contador/cantador. Muitas vezes, seguidos pela melodia de viola; os intervalos das estrofes são preenchidos com essas melodias. Em geral, os ouvintes rodeiam o poeta esperando atentamente o desenrolar das narrativas em verso. Assim, depois de recitadas ou cantadas, o cordelista vende seus folhetos.

Os repentistas geralmente fazem os versos no improviso, em desafios de duplas, a partir de um mote<sup>13</sup>, e recebem pagamento em forma de gratificações (gorjetas) do público presente ou da premiação do desafio, organizado por associações de cantadores, emissoras de rádio e TV, secretarias municipais de cultura ou outras instituições promotoras da cultura popular.

Assim como os repentistas e emboladores, os poetas cordelistas intensificam vínculos coletivos e experiências artístico-culturais junto à comunidade a que pertencem. Através do Cordel, poeta e público partilham narrações e aventuras ao vivo. Em um movimento de ressignificação artístico-cultural<sup>14</sup>, a tradição dos cordéis concede *status* de herói ao povo nordestino e suas personalidades ilustres, assim como os antigos gregos, há alguns milênios, cantavam as peripécias dos deuses e heróis mitológicos.

### *A Literatura de Cordel no Brasil*

Herança de trovadores e menestréis medievais, os cordéis transitam pela boca e pelos ouvidos de todos que gostam dessa cultura popular. Ele chegou ao Brasil com os portugueses, que trouxeram junto suas melodias e violas. Aqui, cresceu exponencialmente, como tradição hereditária, essencialmente no Nordeste: Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Rio Grande do Norte e Ceará.

Esse tipo de poesia conta histórias e extrai delas lições que passam de geração em geração, como bem definem as palavras do cordelista Cavalcante:

---

<sup>13</sup> O “mote” é o tema, geralmente com dois versos que passam a ser os veros finais de cada estrofe improvisada no desafio de cantadores (ou repentistas). Os motes são disponibilizados pelas equipes organizadoras dos desafios.

<sup>14</sup> FLORÊNCIO, Roberto Remígio; SANTOS, Carlos Alberto Batista. A mulher da/na literatura Popular Nordestina: notas sobre a misoginia na literatura brasileira. *Revista Athena*, Cáceres, v. 19, n. 2, p. 150-160, 2020.

Cordel quer dizer barbante  
Ou se não menos cordão  
Mas cordel-literatura  
É a real expressão  
Como fonte de cultura  
Ou melhor, poesia pura  
Dos poetas do sertão  
[...]  
Pela boca correção  
A nossa literatura  
De cordel pelos sertões  
Educa o povo e distrai  
Pelas suas narrações  
Além disso, documenta  
Um fato que apresenta  
Atraindo multidões<sup>15</sup>

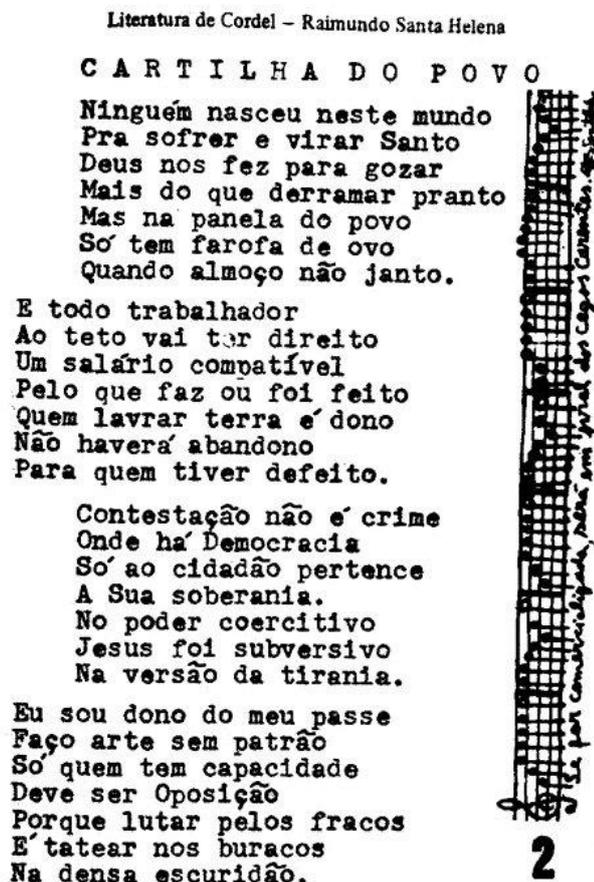
Segundo o poeta popular, essa cultura literária e sertaneja é uma forma de distrair e educar o povo, pois resgata acontecimentos ou discute temas, chamando a atenção das pessoas. Seja em forma de crítica social, mitos e lendas das culturas locais ou zombarias com personagens típicos do interior, como o *cabra da peste* (o valentão) ou o marido traído (o *cornio*), a mulher *dadivosa* (voluntariosa) ou a beata *enrustida*.

Exemplares de antigos cordéis nordestinos são as histórias do Cego Aderaldo, Zé Pretinho, a Peleja do Diabo e o Romance do Pavão Misterioso. A seguir, um registro da pesquisadora Aidar para o poema de Raimundo Santa Helena, da década de 1960:

---

<sup>15</sup> CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Cordel*. São Paulo: Hedra, 2010. p. 67.

Figura 1: Cartilha do povo - Raimundo Santa Helena.



**Fonte:** AIDAR, Laura. 9 poemas de cordel nordestino importantes (explicados). *Cultura Genial*, c2022. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/cordel-nordestino-poemas/>. Acesso em: 17 maio 2022.

Como forma de poesia de raiz popular, que foi naturalmente incorporada à cultura brasileira, o Cordel possui fontes variadas; sua inspiração pode ser encontrada no folclore, na religião, em fatos marcantes da comunidade ou mesmo na imaginação do poeta; seus estilos e tipologias são: narrativas bem-humoradas, críticas de costumes, (re)produção de mitos e o conto de “causos”, geralmente engraçados, mitológicos, fantásticos ou críticas sociais. Entre os de cunho político, a cantora Elba

Ramalho traz em seu disco *Do jeito que a gente gosta*<sup>16</sup>, o poema de Bráulio Tavares e Ivanildo Vila Nova, em forma de canção (repentista), musicada da poesia de Cordel, criada a partir de um mote, que é um tema que deve funcionar como parte final das estrofes e precisa manter as rimas dos versos: Imagine o Brasil ser dividido e o Nordeste ficar independente.

**Nordeste Independente** (Ivanildo Vila Nova/Bráulio Tavares Neto)

Já que existe no sul esse conceito  
Que o Nordeste é ruim, seco e ingrato  
Já que existe a separação de fato  
É preciso torná-la de direito  
Quando um dia qualquer isso for feito  
Todos dois vão lucrar imensamente  
Começando uma vida diferente  
De que a gente até hoje tem vivido  
Imagina o Brasil ser dividido  
E o Nordeste ficar independente.

Dividindo a partir de Salvador  
O Nordeste seria outro país  
Vigoroso, leal, rico e feliz  
Sem dever a ninguém no exterior  
Jangadeiro seria o senador  
O cassaco de roça era o suplente  
Cantador de viola, o presidente  
O vaqueiro era o líder do partido  
Imagina o Brasil ser dividido  
E o Nordeste ficar independente.  
(...)<sup>17</sup>

A Literatura de Cordel é vista muitas vezes, ou quase sempre, como arte de segunda categoria, marginalizada pelos livros didáticos e regionalizada pelo seu perfil social e ideológico, em um sincretismo entre poesia, humor e epopeia. Um exemplo desta mistura está presente na obra de Ariano Suassuna, em o *Auto da compadecida*, cujos heróis João Grilo e Chicó são mistos de heróis e anti-heróis, de universalidade e regionalismo, exemplos perfeitos dessa Literatura.

<sup>16</sup> RAMALHO, Elba. *Do jeito que a gente gosta*, LP, Barclay, 1984.

<sup>17</sup> VILA NOVA, Ivanildo; TAVARES NETO, Bráulio. *Nordeste Independente*. Intérprete: Elba Ramalho. In: RAMALHO, Elba. *Do jeito que a gente gosta*, LP, Barclay, 1984. Lado B, faixa 5 (4min25s).

Por esse motivo, aconteceu o encontro oportuno da Literatura de Cordel com o Cangaço<sup>18</sup>. Fato que se transformou no ponto decisivo da reação de uma identidade literária, pois o Nordeste começou a falar de si, buscando seus heróis, e encontrando nos cangaceiros seus representantes na luta contra a injustiça social. Mas, outros temas são comuns no Cordel, como os problemas gerados a partir de temáticas socioeconômicas e culturais, como a seca e o sotaque (Variações Linguísticas).

Atualmente, os cordéis podem ser encontrados em feiras culturais, casas de cultura e livrarias em qualquer lugar do Brasil. Diferente de antigamente, cujas vendas ocorriam apenas nas feiras livres do interior ou nos festivais, após apresentações dos cordelistas, repentistas, aboiadores, cantadores.

Os brasileiros também mudaram o cenário das histórias, os nobres abastados foram substituídos por fazendeiros ou patrões, cujas princesas tornaram-se suas filhas. No lugar de cavaleiros valentes, vieram os corajosos vaqueiros que lutam pelo amor de suas donzelas.

Curran<sup>19</sup> diz que se criaram também cordéis da nossa própria história, do nosso folclore e do imaginário popular, cujas lendas não se sabe exatamente a origem. Entre as histórias reais, são comuns as narrativas do Cangaço, envolvendo o bando de Lampião e Maria Bonita, as andanças de Antônio Conselheiro, que liderou a comunidade de Canudos, os milagres do Padre Cícero Romão, o “Padim Ciço” do Juazeiro do Norte, e a vida de Luiz Gonzaga, o Rei do Baião. Enfim, atualmente, os cordéis podem falar sobre quase tudo: política, economia e sociedade da região em que são produzidos. Muitos são confeccionados a pedido para promover determinada personalidade, casa comercial ou episódio local.

---

<sup>18</sup> O Cangaço foi um movimento sociopolítico marcado por crimes e violência cometidos por bandos que vagavam pelo Nordeste (também norte de Minas Gerais), saqueando pequenas cidades e promovendo o terror, entre meados dos séculos XIX e XX. No entanto, para muitos especialistas, o Cangaço nasceu como forma de defesa dos nordestinos diante dos graves problemas sociais e da ineficiência do Estado em promover assistência ao povo sertanejo, bem como de aplicar a lei e a ordem nos rincões do semiárido, castigado pelas estiagens e pelo coronelismo, provedor das injustiças sociais.

<sup>19</sup> CURRAN, Mark. *História do Brasil em Cordel*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2017.

## Linguística, variantes linguísticas e cultura popular

A Linguística é uma ciência jovem, que estuda a linguagem humana, ou seja, a capacidade que o ser humano tem de se comunicar através da palavra oral e escrita. Segundo Orlandi, “é o estudo dos signos verbais humanos”<sup>20</sup>. Estudar a linguagem verbal humana significa dizer que devemos analisar as palavras, os textos escritos ou falados. Todas as demais formas de comunicação entre seres humanos fogem do objeto de estudo. Muitos podem pensar que os sinais, os desenhos, os gestos e as cores passam mensagens e, por esse motivo, deveriam fazer parte da linguística. No entanto, por ser uma ciência, a mesma fez um recorte entre vários signos comunicativos, a fim de dar conta de todos os problemas que surgiram com o início dos estudos.

Também cabe ressaltar que os linguistas têm a tarefa, agora, de descrever a língua e não ficar dizendo o que certo ou errado, postura cultuada no século XVII. A gramática passa a ser descritiva e não mais normativa [...] os estudiosos devem descobrir como a língua é e como funciona, bem como a razão das variantes surgidas. Não buscam mais uma receita para a aplicação da língua, mas a observação do seu funcionamento.<sup>21</sup>

Essa postura, entretanto, nas escolas, ainda está longe de desaparecer. Muitos professores de Língua Portuguesa insistem em explicar como se deve escrever (ou falar) de uma maneira descontextualizada das realidades locais. Não há reflexão acerca dos aspectos linguísticos, apenas aplicam-se normas que devem ser seguidas. É visível que muitos docentes têm dificuldades em “ensinar” ao aluno seu idioma materno, todavia, Bechara afirma que:

Não cabe a escola ensinar a falar, mas mostrar aos alunos a grande variedade de usos da fala dando-lhes à consciência de que a língua não é homogênea monolítica, trabalhando com eles os diferentes níveis (do mais coloquial ao mais formal) das duas modalidades-faladas e escrita- isto é procurando torná-los políglotas dentro de sua própria língua.<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. *O que é linguística*. São Paulo: Brasiliense, 2013. p. 18.

<sup>21</sup> ORLANDI, 2013, p. 31.

<sup>22</sup> BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática: Opressão ou liberdade?* 11. ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 45.

Desse modo, o que deve estabilizar o aprendizado da Língua Portuguesa é a dinamicidade e a diversificação da linguagem. Assim, os discentes aprendem a ler e escrever, combinando as palavras que leem e escrevem com seus significados culturais, assegurando a eles uma interpretação mais precisa dos informes e acontecimentos que marcham na sociedade onde vivem.

De acordo com Bechara<sup>23</sup>, com a fundação da linguística, começamos a ver a língua de uma forma diferente. Não importa mais o que é certo ou errado, mas sim o que é válido dentro de cada contexto comunicativo. Se alguém diz “nóis fumo, vortemo e nada incontremo”, não está errado se dito dentro de um processo em que os envolvidos fazem parte dessa construção sociocultural. Se há entendimento e não segregação, não deve haver problemas, até porque devemos perceber o uso dos níveis de linguagem em diferentes situações comunicativas, como a declamação do poema *Ai se sesse*, de Zé da Luz (Severino de Andrade Silva). Em apresentação ao vivo, em Porto Alegre (RS), o grupo pernambucano Cordel do Fogo Encantado traz o registro no disco de 2001, pela gravadora Trama.

#### **Ai se sesse (Zé da Luz)**

Se um dia nós se gostasse  
Se um dia nós se queresse  
Se nos dois se empareasse  
Se juntin nós dois vivesse  
Se juntin nós dois morasse  
Se juntin nós dois drumisse  
Se juntin nós dois morresse  
Se juntin nós dois morresse  
Se pro céu nos assubisse.

Mas porém acontecesse de São Pedro não abrisse  
A porta do céu e fosse te dizer qualquer tolice  
E se eu me arriminasse  
E tu com eu insistisse pra que eu me arresolvesse  
E a minha faca puxasse  
E o bucho do céu furasse  
Talvez que nos dois ficasse  
Talvez que nos dois caísse  
E o céu furado arriasse e as virgem todas fugisse.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> BECHARA, 1999.

<sup>24</sup> LUZ, Zé da. *Ai se sesse*. Intérprete: Lirinha. In: CORDEL do Fogo Encantado. *Cordel do Fogo Encantado*, CD, Trama, 2001. Faixa 18 (2min3s).

Sabe-se que a linguística se dá por meio da língua, um sistema de códigos compartilhado por uma comunidade que partilham do mesmo processo linguístico. Segundo Saussure, a língua está em primeiro lugar entre os fatos da linguagem, “é algo adquirido e convencional, ou seja, é um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”<sup>25</sup>. Conceituando dessa forma, a língua é um acontecimento social que se desempenha como um sistema, no qual cada termo tem sua função na frase. Para ele, qualquer manifestação de linguagem humana é matéria da linguística.

Devido às muitas formas de comunicação o objeto de estudo (a língua) ficou bastante extenso, por isso, estabeleceu-se, mais tarde, que apenas a forma verbal seria matéria da linguística, objetivando estabelecer limites para esse objeto de estudo.

Para que possamos nos comunicar socialmente, contamos com vários recursos, sendo o mais usado a linguagem verbal (uso da palavra escrita ou oral). Ela só se dá através da língua que, como já vimos, é um sistema de códigos partilhados por uma comunidade linguística. Só haverá processo comunicativo se o falante e o ouvinte partilharem do mesmo sistema.<sup>26</sup>

A língua é um fato social, de acordo com Saussure, que complementa: “Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la, nem modificá-la; ela não existe senão em virtude dum espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade”<sup>27</sup>. Segundo o autor, “é mister uma massa falante para que exista uma língua. Em nenhum momento, e contrariamente à aparência, a língua existe fora do fato social, visto ser um fenômeno semiológico”<sup>28</sup>. Por tudo isso, sua natureza social é um dos seus caracteres basilares, que a produzem de forma diacrônica, diacrítica e diastrática, respondendo a impulsos históricos, geográficos e sociais, respectivamente.

Desse modo, a língua varia no tempo e no espaço, assim como de acordo com a necessidade do usuário. E não é preciso ser um especialista em línguas para

---

<sup>25</sup> SAUSSURE, 2020, p. 23.

<sup>26</sup> SAUSSURE, 2020, p. 56.

<sup>27</sup> SAUSSURE, 2020, p. 29.

<sup>28</sup> SAUSSURE, 2020, p. 92.

saber que nenhuma língua, seja qual for o lugar do planeta, é a mesma. Portanto, ela muda de uma região para outra, de um período para outro e em contextos socioculturais específicos.

É bastante visível que a língua portuguesa tem variações, ou seja, cada grupo social fala de um jeito próprio, de acordo com a região em que vive, idade, sexo, nível social, profissão. Essas variações são chamadas de dialetos ou socioletos.

Por isso, Soares<sup>29</sup> afirma que a língua, mais do que um código semântico ou meio de comunicação, é considerada um fenômeno cultural e social. Sendo assim, pode-se afirmar que as pessoas usam diferentes variedades de língua segundo suas próprias características pessoais (origem geográfica, procedência social, idade) e de acordo com a situação interlocutora (assunto, grau de intimidade com o interlocutor). Dessa forma, os estudos sobre variação linguística registram seis aspectos da variação dialetal: territorial, social, de idade, de sexo, de geração e de função.

#### *A variação linguística dentro da Literatura de Cordel*

Para Soares<sup>30</sup>, é certo que as pessoas não nascem sabendo falar, ler ou escrever, estes são desafios do cotidiano, e estudar uma língua requer interesse, curiosidade e entrega. Sendo assim, é uma aventura trabalhar a língua e outras formas de linguagem que com ela se combinam. Desse modo, é relevante o educador buscar métodos significativos e que despertem no aluno o prazer da descoberta de como nos comunicamos com competência e eficiência.

Sabe-se que, a variante urbana de prestígio é quem registra e veicula boa parte da produção cultural de nossa sociedade, que é a variedade usada pelos conjuntos sociais de grande reconhecimento social, econômico, político e cultural. Sabe-se também, que o domínio da mesma é relevante para obter com mais precisão toda essa criação. Assim, o reconhecimento das variedades da língua e a identificação das desigualdades linguísticas que existe entre elas ganham igual relevância. Isso porque, através desses reconhecimentos e dessa identificação, será capaz de

---

<sup>29</sup> SOARES, 2020.

<sup>30</sup> SOARES, 2020.

conceder igualdade de mérito para as variedades da língua, assegurando a recusa de discriminações e preconceitos.

Sendo assim, é necessário fazer uma abordagem mais ampla e que provoque reflexões nos educadores a respeito das variantes linguísticas, pois, apesar de essas serem reconhecidas, muitos docentes não delegam a importância necessária ao estudo das diversidades da língua, dos falares e dos sentidos que as palavras adquirem nos diversos contextos de produção.

É importante que os professores (e demais estudiosos) utilizem discursos e métodos significativos para abordagens que envolvem este tema e uma metodologia interessante pode ser no uso Literatura de Cordel, identificada como expediente da cultura popular, historicamente registrada<sup>31</sup>. Patativa do Assaré (pseudônimo de Antonio Gonçalves da Silva, 1909-2002) foi um dos poetas populares que rompeu o cânone e tornou-se um expoente da cultura *letrada*, ainda que se considerasse de *poucas letras*, como atesta a sua poesia:

#### **Poeta da Roça**

*Meu verso rastero, singelo e sem graça  
Não entra na praça, no rico salão  
Meu verso só entra no campo da roça e dos eito  
E às vezes, recordando feliz mocidade  
Canto uma sodade que mora em meu peito.  
(...)<sup>32</sup>*

Vendo a poesia de Cordel como uma arte enriquecedora do conhecimento do sujeito e farta em diferenças linguísticas, percebe-se o quanto a mesma possibilita e atualiza o processo de ensino-aprendizagem sobre o conhecimento linguístico, visto que, em um Cordel utiliza-se tanto da linguagem culta quanto da coloquial. O linguajar sertanejo, os elementos caipiras e a cultura do interior são naturalmente diferenciados de modelos padrões postulados nos livros didáticos, que podem enriquecer a formação do educando, a criticidade e até a criação de versos.

---

<sup>31</sup> FLORÊNCIO; SANTOS, 2020.

<sup>32</sup> ASSARÉ, Patativa (1978). *Cante lá que eu canto cá*. Fortaleza: MBM Produções, reeditado em 2002. p. 25.

Pelo fato de a sociedade estar vivendo momentos de urgência, em um tempo de comunicação rápida, de se utilizar imagens (*emojis*), de linguagens concisas (abreviações), de novos métodos de organização de mensagens verbais ou não verbais (redes sociais), é necessário que os indivíduos, cada vez mais, tenham domínio de diferentes linguagens. Exigência própria das transformações dos meios de comunicação e das constantes mudanças de concepções socioculturais. Certamente, os alunos, por serem “filhos” dessa geração, tão imediatista quanto mutável, podem conseguir dominar a língua de forma discursiva, cognitiva e simbólica mais adequadamente e, assim, terão mais possibilidades de participação consciente na sociedade ao se desvencilharem de modelos predeterminados e de preconceitos linguísticos.

### **Considerações finais**

É a partir da nova proposta pedagógica sobre o estudo da língua que o aluno tem a oportunidade de fazer suas escolhas, ou seja, pode usar a língua de acordo com cada circunstância, pois o estudo da variação linguística possibilita essas alternâncias<sup>33</sup>. Faraco considera a norma padrão como um modelo ideal e artificial da língua e não como variedade propriamente dita, pois, nestes termos, se a norma culta/comum/*standard*, chamada recentemente de “variedade urbana de prestígio” é variedade que “os letrados usam corretamente em suas práticas mais monitoradas de fala e escrita, a norma padrão não é propriamente uma variedade da língua, mas um construtor sócio histórico que serve de referência para estimular um processo de uniformização”<sup>34</sup>. Assim, resta-nos dizer que essa “norma culta” é uma língua que serve de base para incitar um procedimento padronizado. Não pode ser percebida pela escola como língua única, bem como não pode ser o único objeto de estudo, em detrimento dos inúmeros pressupostos abertos pela Sociolinguística.

---

<sup>33</sup> SILVA, Rosa Virgínia Matos e. *O Português são dois...* Novas Fronteiras, velhos problemas. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

<sup>34</sup> FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns de nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. p. 78.

Esses estudos não objetivam ensinar o aluno a falar correto ou, ao menos, aceito, mas a escolher a forma que quer falar, pois não existe certo nem errado. Isto mostra que a língua é inseparável da variação, segundo Saussure<sup>35</sup>, porque a diversidade linguística é um fenômeno característico da língua, de qualquer língua – e isto é uma solução, não um problema a ser resolvido.

Assim, diante da realidade em relação ao estudo linguístico, não cabe, ainda, adotar integralmente novos modelos, que não estão introduzidos numa herança cultural compartilhada que muitas vezes não faz parte da formação dos professores. No entanto, é necessário superar em definitivo abordagens normativas e propor uma abordagem mais descritiva e reflexiva, pois, de acordo com Faraco, a gramática descritiva é um "conjunto de regras que são seguidas dentro das diferentes variedades linguísticas"<sup>36</sup>.

A proposta não é fazer análise de um discurso preciso ou de um falante ideal, nem de uma comunidade semelhante. O objetivo é a organização da língua arrolada à sociedade onde é utilizada, assim como, das variações que se instauram em uma realidade. Ou seja, é necessário buscar um vocabulário, uma realização real da língua, em posições de interação social. Como também, o estudo das variedades na constituição da cidadania e da aptidão linguística do sujeito.

Portanto, sabendo-se que as pessoas falam de forma diferente, que a língua varia de acordo com a região, faixa etária, sexo, estudo, grupos sociais, além de mudar no tempo e no espaço, é fundamental a conscientização de que as pessoas não falam da mesma forma, que não existe forma certa nem errada, mas a variada. Assim é a variação linguística cujo objetivo é a comunicação e a compreensão, afinal, todas as variedades linguísticas são características da narrativa e da cultura de um povo. E quem faz a língua é o falar do povo, não a escrita de livros.

É importante destacar o quanto será necessário para a educação básica efetivar essa democratização dos saberes. É preciso conduzir os aprendentes

---

<sup>35</sup> SAUSSURE, 2020.

<sup>36</sup> FARACO, 2017, p. 10.

(estudantes e professores em constante formação) em direção aos estudos de temas relevantes, que realmente sejam necessários para a convivência em sociedade<sup>37</sup>.

Os estudantes podem estar sendo prejudicados por não estudarem de forma adequada os conteúdos – aqui representados pela variação linguística e pela Literatura de Cordel – e perderem oportunidades de falar, ler, trocar ideias, expor opiniões e impressões pessoais, ler, argumentar e escrever, inclusive em seus dialetos próprios. É preciso refletir sobre os temas em questão e efetivar situações de comunicação, pois só conhecendo e vivenciando as variedades da língua e o Cordel, o aluno será capaz de adentrar seus conhecimentos, aperfeiçoar seu desempenho e tornar-se um agente cultural, descobrindo de forma crítica, criativa e inteligente o sentido da comunicação entre os sujeitos que participam do seu dia a dia.

Nas palavras de Bogdan e Bilklen<sup>38</sup>, é importante que o educador seja pesquisador e reflexivo e vise que a aprendizagem do aluno serve para o sucesso dentro e fora da escola, mostre para ele que o conhecimento faz a diferença na vida do sujeito. Por essa razão, o aluno precisa se desenvolver como pessoa, como estudante e como profissional, permitindo o exercício da cidadania. E sabendo que a língua é um instrumento poderoso de comunicação entre os sujeitos, é essencial que o aluno reflita sobre como essa se organiza, para ter maior domínio de seus recursos. Somente o educador, com um olhar dinâmico e analítico do ensino da língua materna, pode assegurar essa formação ao educando, de acordo com Silva<sup>39</sup>.

Aqui, apresentamos e sugerimos uso da Literatura de Cordel, bem como a produção artístico-cultural de artistas populares e regionais, como elemento interessante, dinâmico e dialógico na construção do conhecimento. Um conhecimento, desde o seu nascedouro, real, contextualizado e democrático, como deve ser todo o processo de ensino e aprendizagem promovido pela escola. Foram apresentadas possibilidades de leituras e de cordelistas a serem aprofundadas, no intuito de mostrar

---

<sup>37</sup> OLIVEIRA, Ana Cristina Barbosa de; SANTOS, Carlos Alberto Batista; FLORÊNCIO, Roberto Remígio. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Educação. *Revista Rios Eletrônica*, Paulo Afonso, v. 13, n. 21, p. 36-50, 2019.

<sup>38</sup> BOGDAN, Robert; BILKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 2009.

<sup>39</sup> SILVA, 2004.

e comprovar a necessidade de se trabalhar de forma mais abrangente os conteúdos da Língua Portuguesa, em que as Variações Linguísticas aparecem com relativa importância.

O presente estudo apresenta possibilidades de debater e ofertar propostas sobre o uso do Cordel nos processos de ensino da LP e cumpre o seu objetivo, que é aprimorar as discussões sobre essa nova maneira de abordar a língua materna, levando em consideração alguns aspectos: a capacidade comunicativa e interativa entre as pessoas e o mundo em que vivem; possibilidade de contextualização; alargar os conhecimentos voltados à cultura popular, aos falares regionais e aos saberes regionalizados, contribuindo sobremaneira para a quebra dos preconceitos linguísticos e para a promoção do ensino reflexivo e da gramática contextualizada.

## Referências

AIDAR, Laura. 9 poemas de cordel nordestino importantes (explicados). *Cultura Genial*, c2022. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/cordel-nordestino-poemas/>. Acesso em: 17 maio 2022.

ASSARÉ, Patativa (1978). *Cante lá que eu canto cá*. Fortaleza: MBM Produções, reeditado em 2002.

BAGNO, Marcos. *A norma culta: língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática: Opressão ou liberdade?* 11. ed. São Paulo: Ática, 1999.

BOGDAN, Robert; BILKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa – Ensino Fundamental*. Brasília: MEC; SEF, 1998.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Cordel*. São Paulo: Hedra, 2010.

CURRAN, Mark. *História do Brasil em Cordel*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2017.

EVARISTO, Marcela Cristina. O cordel em sala de aula. *In*: BRANDÃO, Helena Nagamine. *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção aprender e ensinar com textos, 5 v).

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns de nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FLORÊNCIO, Roberto Remígio; SANTOS, Carlos Alberto Batista. A mulher da/na literatura Popular Nordestina: notas sobre a misoginia na literatura brasileira. *Revista Athena*, Cáceres, v. 19, n. 2, p. 150-160, 2020.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2012.

LUZ, Zé da. Ai se sesse. Intérprete: Lirinha. *In*: CORDEL do Fogo Encantado. *Cordel do Fogo Encantado*, CD, Trama, 2001. Faixa 18 (2min3s).

OLIVEIRA, Ana Cristina Barbosa de; SANTOS, Carlos Alberto Batista; FLORÊNCIO, Roberto Remígio. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Educação. *Revista Rios Eletrônica*, Paulo Afonso, v. 13, n. 21, p. 36-50, 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *O que é linguística*. São Paulo: Brasiliense, 2013.

RAMALHO, Elba. *Do jeito que a gente gosta*, LP, Barclay, 1984.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2020.

SILVA, Rosa Virgínia Matos e. *O Português são dois...* Novas Fronteiras, velhos problemas. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 19. ed. São Paulo: Ática, 2020.

VILA NOVA, Ivanildo; TAVARES NETO, Bráulio. Nordeste Independente. Intérprete: Elba Ramalho. *In*: RAMALHO, Elba. *Do jeito que a gente gosta*, LP, Barclay, 1984. Lado B, faixa 5 (4min25s).